

Evolução do IDH das Grandes Regiões e Unidades da Federação

Tabela 1 – IDH Brasil, grandes regiões e unidades da federação

Discriminação	Ano		
	2005 ^{1/}	2006 ^{2/}	2007 ^{2/}
Brasil	0,794	0,803	0,816
Região Sul	0,829	0,837	0,850
Região Sudeste	0,824	0,835	0,847
Região Centro-Oeste	0,815	0,824	0,838
Região Norte	0,764	0,772	0,786
Região Nordeste	0,720	0,733	0,749
1 Distrito Federal	0,874	0,882	0,900
2 Santa Catarina	0,840	0,848	0,860
3 São Paulo	0,833	0,842	0,857
4 Rio de Janeiro	0,832	0,846	0,852
5 Rio Grande do Sul	0,832	0,840	0,847
6 Paraná	0,820	0,827	0,846
7 Mato Grosso do Sul	0,802	0,815	0,830
8 Minas Gerais	0,800	0,813	0,825
9 Goiás	0,800	0,807	0,824
10 Espírito Santo	0,802	0,808	0,821
11 Mato Grosso	0,796	0,804	0,808
12 Amapá	0,780	0,789	0,800
13 Amazonas	0,780	0,784	0,796
14 Tocantins	0,756	0,769	0,784
15 Rondônia	0,776	0,779	0,784
16 Roraima	0,750	0,784	0,782
17 Pará	0,755	0,764	0,782
18 Acre	0,751	0,763	0,780
19 Sergipe	0,742	0,756	0,770
20 Bahia	0,742	0,754	0,767
21 Rio Grande do Norte	0,738	0,742	0,753
22 Paraíba	0,718	0,729	0,752
23 Ceará	0,723	0,731	0,749
24 Pernambuco	0,718	0,733	0,742
25 Piauí	0,703	0,721	0,740
26 Maranhão	0,683	0,707	0,724
27 Alagoas	0,677	0,700	0,722

1/ Calculados pelo PNUD.

2/ Estimativas do Banco Central.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é adotado desde 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com o objetivo de mensurar a qualidade de vida em regiões ou países a partir de critérios mais abrangentes que o tradicional PIB *per capita*, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento.

O IDH é formado por três componentes de mesmo peso: renda, longevidade e educação. A componente renda mensura a dimensão econômica do desenvolvimento humano, sendo aferida pelo PIB *per capita* corrigido pelo poder de compra da moeda de cada região. Para a componente longevidade, utiliza-se como parâmetro a expectativa de vida dos indivíduos ao nascer, enquanto, para o componente educação, são utilizados os índices de analfabetismo e da taxa de matrícula em todos os níveis de ensino. O cálculo do IDH é obtido pela média aritmética simples dos três componentes, que, previamente normalizados, passam a ser compreendidos no intervalo de zero a um. Quanto mais próximo o índice se situar do limite superior, maior o desenvolvimento humano na região.

O objetivo deste boxe consiste em analisar a evolução do IDH e de seus componentes, para as regiões e para as unidades da federação, com base nas séries históricas anuais, elaboradas pelo PNUD para o período de 1991 a 2005, e nas estimativas para o IDH, feitas pelo Banco Central para 2006 e 2007. Ressalte-se que essas estimativas foram elaboradas aplicando a mesma metodologia utilizada pelo PNUD aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes aos anos 2006 e 2007, e às tábuas de mortalidade elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os mesmos anos.

Gráfico 1 – Evolução dos IDH regionais

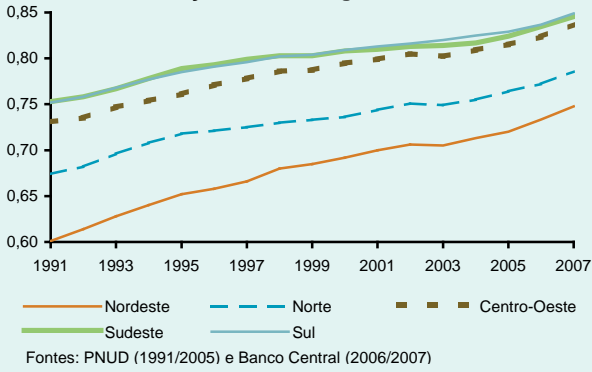


Gráfico 2 – Evolução das diferenças dos IDH

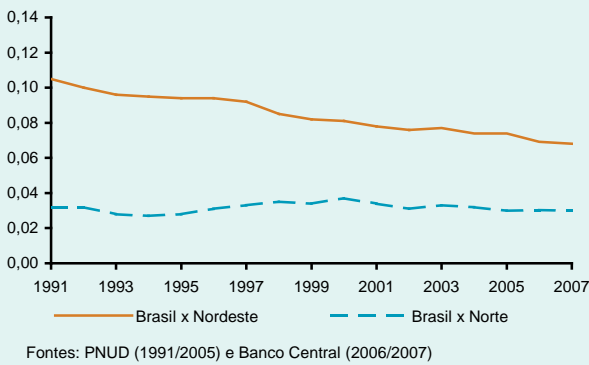


Gráfico 3 – Evolução do coeficiente de variação dos componentes do IDH

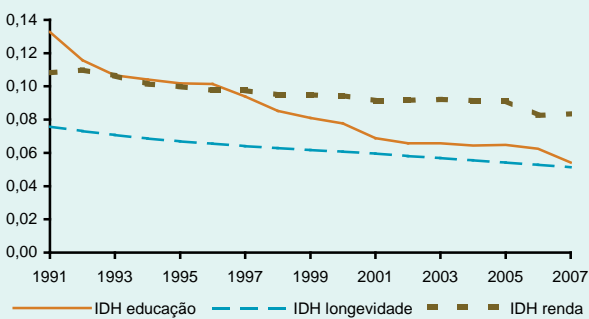
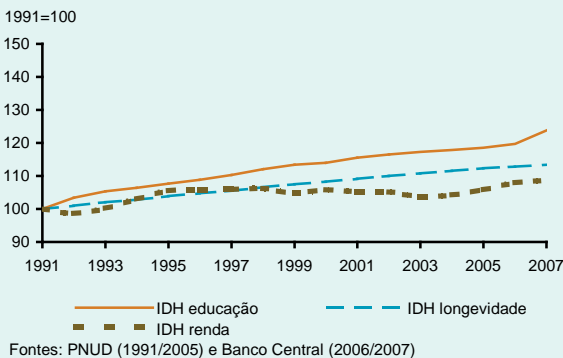


Gráfico 4 – Evolução dos componentes do IDH – Brasil



A Tabela 1 apresenta o IDH do Brasil, grandes regiões e unidades da federação para 2005, 2006 e 2007, ordenados, de forma decrescente, pelo último ano. As estimativas revelam aumentos nos níveis de desenvolvimento humano em todos os estados e regiões, comparativamente a 2005. Distrito Federal, Santa Catarina e São Paulo permanecem apresentando os melhores IDH, contrastando com os resultados relativos a Alagoas, Maranhão e Piauí. Em particular, a persistência das disparidades regionais também é evidenciada em termos de desenvolvimento humano: os estados do Nordeste são os que continuaram a ocupar as nove piores colocações, enquanto os estados do Norte permaneceram nas sete piores colocações seguintes.

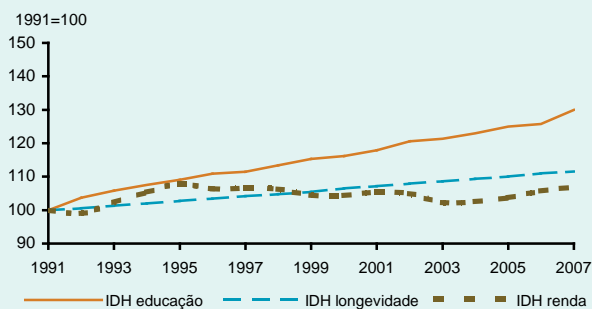
Ressalte-se, no entanto, que o IDH é um indicador de natureza estrutural, por isso pouco sujeito a alterações no curto prazo. Nessa perspectiva, importa analisar as tendências dos IDH regionais, que revelam o processo de redução das desigualdades no grau de desenvolvimento humano entre as regiões, movimento que se manteve em 2006 e 2007.

Considerando o período de 1991 a 2007, a região Nordeste registrou o maior crescimento do indicador, 24,6%, seguindo-se a região Norte, 16,7%, enquanto no Centro-Oeste, Sul e Sudeste as expansões atingiram 14,6%, 13% e 12,5%, respectivamente, conforme registrado no Gráfico 1.

A evolução da diferença entre o IDH do país e das regiões Nordeste e Norte encontra-se no Gráfico 2, que evidencia o processo de melhora acentuada do indicador do Nordeste, enquanto o relativo ao Norte vem se elevando em ritmo próximo ao do país.

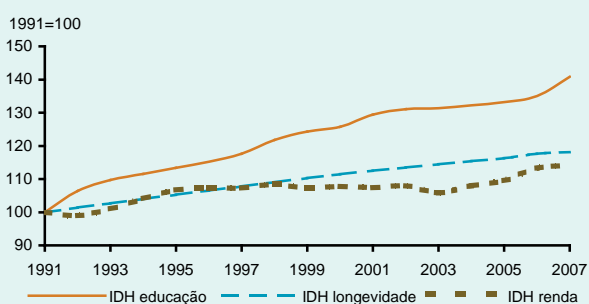
Outra evidência da redução entre as diferenças de qualidade de vida nas distintas regiões constitui-se na continuidade do recuo do coeficiente de variação dos componentes do IDH, a cada ano, dentre as unidades da federação, como pode ser visualizado no Gráfico 3. No mesmo gráfico, observa-se que até 1996 as maiores disparidades entre as unidades da federação eram observadas na dimensão educação. A partir de 1997, a dispersão da dimensão econômica passa a preponderar, não por ter aumentado, mas por ter apresentado menor redução que a dimensão

Gráfico 5 – Evolução dos componentes do IDH – Norte



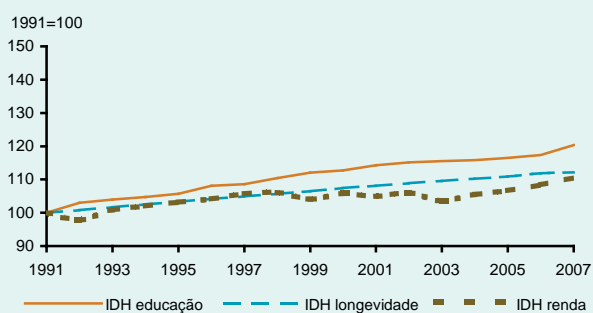
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

Gráfico 6 – Evolução dos componentes do IDH – Nordeste



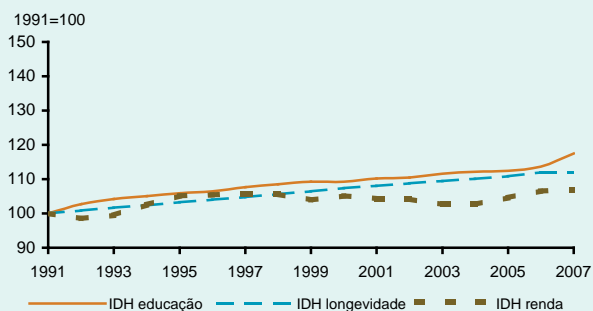
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

Gráfico 7 – Evolução dos componentes do IDH – Centro-Oeste



Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

Gráfico 8 – Evolução dos componentes do IDH – Sudeste



Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

educação. Ao final do período, é possível constatar maior homogeneidade, entre as unidades da federação, nas dimensões educação e longevidade que na dimensão econômica.

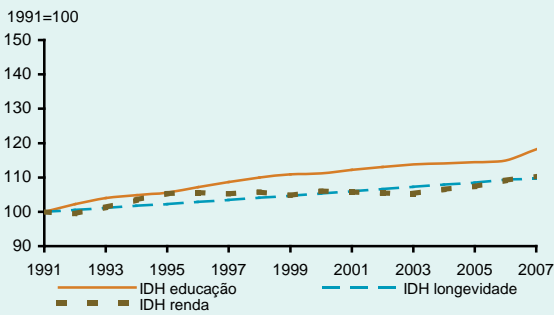
A evolução, no Brasil e nas cinco regiões, dos componentes que integram o IDH pode ser avaliada nos Gráficos 4 a 9, em que se observa que a dimensão educação cresceu mais do que as demais em todas as regiões, com comportamento relativamente regular e aceleração do crescimento em 2007. O aumento, desde 1991, foi mais elevado no Nordeste, 41%, e no Norte, 30%, favorecidos, entre outros, pelos programas assistenciais públicos. O crescimento nas demais regiões situou-se em torno de 20%

A dimensão que apresentou evolução mais regular foi a longevidade, que se elevou de modo aproximadamente linear em todas as regiões. Essa dimensão expandiu-se mais no Nordeste, 18% no período considerado, possivelmente por ser a mais deficiente e, por isso, apresentar ganhos marginais maiores. Nas demais regiões, a expansão situou-se em torno de 11%.

A dimensão renda também apresentou crescimento ao longo do período, mas de modo mais irregular. Entre 1995 e 2003, esse componente manteve-se estagnado no Nordeste, no Sul e no Centro-Oeste, e apresentou retração no Norte e no Sudeste, passando a mostrar trajetória ascendente a partir de então. No período de 1991 a 2007, o componente renda cresceu 14,1% no Nordeste, 10,5% no Centro-Oeste, 10,4% no Sul, 6,9% no Norte e 6,7% no Sudeste.

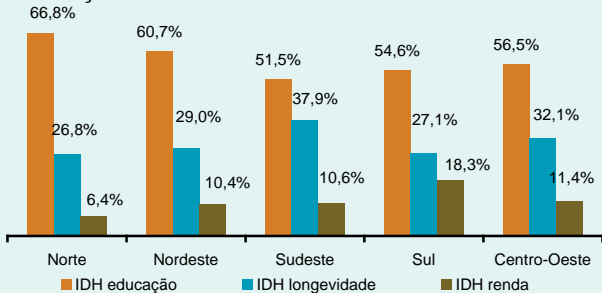
Com relação à participação de cada componente para o crescimento do IDH regional, o Gráfico 10 revela que, de 1991 a 2003, o componente educação destacou-se por sua maior contribuição para a expansão do IDH em todas as regiões, explicando mais da metade do crescimento do índice, enquanto o componente renda apresentou contribuição mais modesta – menos de um quinto no Sul e em torno de um décimo nas demais. A universalização do acesso ao ensino fundamental, bem como o expressivo crescimento da oferta de vagas no ensino médio e superior concorrem para explicar esses resultados.

Gráfico 9 – Evolução dos componentes do IDH – Sul



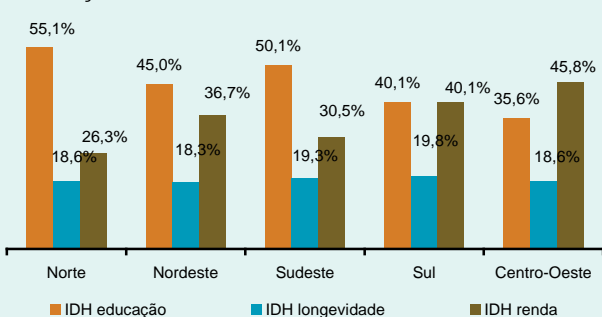
Fontes: PNUD (1991/2005) e Banco Central (2006/2007)

Gráfico 10 – Contribuição dos componentes na evolução do IDH entre 1991 e 2003



Fontes: Banco Central, a partir dos dados do PNUD (1991/2005) e do Banco Central (2006/2007)

Gráfico 11 – Contribuição dos componentes na evolução do IDH entre 2004 e 2007



Considerando o período mais recente, 2004 a 2007, a representatividade da dimensão econômica no crescimento do IDH adquire relevância em todas as regiões, como explícito no Gráfico 11, em função do ciclo de expansão econômica ocorrido no período. A dimensão renda passa a responder por cerca de um terço das variações do índice, situando-se próxima à metade na região Centro-Oeste.

O exame dos dados relativos ao IDH em 2006 e 2007, por estado e região, revela a manutenção das trajetórias de melhora generalizada e de redução gradual das desigualdades registradas desde 1991. Dentre os componentes do IDH, a educação se constituiu-se fator mais incisivo para a melhora de todos os indicadores regionais até 2003, tendência mantida, excetuando-se o Centro-Oeste, no período posterior. O componente renda, embora adquirisse maior importância nas regiões, após 2003, permanece como o principal determinante das discrepâncias entre os IDH dos estados e das regiões do país.